

As Relações Públicas de artistas da música no Brasil: trajetórias pioneiras.

SPÍNOLA, Patricia – jornalista – SP.

patricia.spinola@terra.com.br

GT: História das Relações Públicas

A indústria da música no Brasil foi formada por profissionais das mais diversas áreas que, normalmente por proximidade com algum artista, passaram a exercer funções nos departamentos artísticos e de divulgação aprendendo na prática como fazer, bem como criando métodos próprios de trabalho e se apropriando muitas vezes de termos utilizados nas empresas de outros setores para qualificar seus profissionais.

E a profissão de Relações Públicas de artistas da música nasceu também desta forma. Os pioneiros na profissão criaram definições, condutas e um modelo de atuação no mercado da música seguido até hoje.

A prática, os bons contatos e relacionamento com os demais profissionais dentro do mercado fonográfico e da mídia em geral ainda é o que prevalecem dentro desta indústria com regras bem definidas, muitas vezes ao alcance e conhecimento de poucos.

O objetivo deste texto é resgatar a trajetória de duas profissionais e demonstrar o percurso da profissão de Relações Públicas de artistas da música no Brasil, ainda pouco conhecida no país.

O texto começa com a trajetória da primeira profissional do sexo feminino a trabalhar na divulgação de discos no país, Edy Silva, que assume em 1963 aos 34 anos a direção de Relações Públicas da gravadora CBS. No ano seguinte, dirige a divulgação e imagem do cantor Roberto Carlos. Cuidando de forma centralizada de todas as ações

relativas à execução das músicas do cantor nas rádios, participação em programas de TV, entrevistas e matérias na imprensa.

Outra pioneira na profissão é Ivone Kassu, que começa em 1968 um trabalho diferenciado na divulgação dos artistas do empresário Roberto Colossi, como Chico Buarque, Paulinho da Viola e Wilson Simonal, entre outros. Kassu é a primeira profissional a criar e oferecer pautas de seus artistas para a imprensa.

Este texto foi produzido através de depoimentos das duas profissionais concedido a autora em março de 2008.

O início: do rádio a divulgação de discos

Edy Silva nasceu em Brusque, Santa Catarina em 1928. Mudou com a família para Curitiba em 1950. Na capital paranaense iniciou sua carreira profissional trabalhando como professora primária, depois cabeleireira, manicure, auxiliar de escritório, mas não ficava muito tempo em nenhum emprego. Em maio de 1958, começou a trabalhar na Rádio Tinguí. O início deste trabalho foi por acaso. Não agüentava mais trabalhar no escritório em que estava e saiu caminhando pelas ruas do centro da cidade de Curitiba. Parou na porta da Rádio Tinguí para ver um cartaz de Luiz Gonzaga e ouviu que precisavam de uma voz feminina para trabalhar na emissora. No mesmo dia, Edy se candidatou à vaga. Após um teste, foi aprovada e começou a trabalhar na mesma semana.

O trabalho como locutora de rádio entusiasmou Edy, que começou a ler e pesquisar sobre os artistas que tocavam na rádio. Como era muito comunicativa e determinada a crescer dentro do rádio, aceitou em 1960 um convite da Rádio São Paulo para trabalhar na emissora compondo seu cast de radioatores. Ela viu no convite uma oportunidade de crescer profissionalmente, estava apaixonada pelo trabalho na rádio.

Mudou para São Paulo em janeiro de 1960 e começou a trabalhar em radionovelas na Rádio São Paulo, mas não ficou muito tempo. A Rádio São Paulo foi,

na década de 40, a pioneira na cidade no formato radionovela, tornando-se a mais popular entre as emissoras paulistas e chegando a manter 16 novelas diárias. (TAVARES, 1999, p.227)

Mas naquela altura, quando Edy chega a São Paulo os auditórios estão perdendo lugar para os “programas de comunicadores” comandados dos estúdios das emissoras e no qual o contato com o ouvinte passa a ser por carta ou telefone. Ela começa a ouvir Barros de Alencar, Eli Corrêa, Zé Betio, entre outros e decide que quer voltar a trabalhar como locutora ou junto com algum desses comunicadores.

Meu negócio era trabalhar com música. Gostava de ouvir os artistas na rádio e comecei a achar que poderia trabalhar com eles. Queria voltar para os programas que recebessem artistas ou estar perto deles. Queria música.¹

Estava há menos de um ano na rádio e decidida a mudar. Como sempre gostou muito de música começou a conversar com os divulgadores das gravadoras que iam diariamente à rádio levar seus discos para serem executados no ar. Foi aos poucos conhecendo os principais divulgadores de disco do Estado.

Os divulgadores de disco eram os funcionários das gravadoras responsáveis por tocar as músicas dos artistas nas rádios, circos, programas de televisão, boates, lojas e parques de diversões. Em todo local no qual se ouvia música, o divulgador aparecia e colocava seus discos para tocar.

Na época, a programação das rádios era feita de acordo com o gosto desses comunicadores e era formada diariamente. O divulgador chegava com os discos, conversava com o apresentador, muitas vezes era entrevistado no ar para falar das músicas e dos artistas e, se depois de muitas visitas e tentativas diárias de tocar seus discos os ouvintes comesçassem a pedir, a rádio agendava a execução. Mas mesmo assim o divulgador continuava administrando a quantidade de vezes que as músicas eram tocadas no ar. Havia vários casos em que a música estava programada, mas na hora de entrar o disco aparecia arranhado ou sumia do estúdio. Normalmente, tarefa de algum outro divulgador insatisfeito com o sucesso da música ou buscando espaço para o seu artista. Os divulgadores competiam todos os dias por esses espaços e valia de tudo, até

¹ Depoimento de Edy Silva concedido a autora, op. cit.

furar o pneu do carro do outro para impedir que chegassem a outra emissora antes do concorrente.²

Os principais nomes da divulgação eram advogados, jornalistas, diplomatas, ex-diretores de rádio e compositores. Eles acompanhavam em estúdio a gravação dos artistas nacionais, indicavam novos nomes para as gravadoras, opinavam sobre as decisões de lançamento e formas de divulgação. Esses divulgadores precisavam conhecer profundamente os trabalhos que divulgavam, pois eram entrevistados com mais frequência que os artistas nos principais programas de rádio, falavam das canções, da produção e dos cantores.

A profissão de divulgador de discos de uma gravadora era de muito prestígio dentro do mercado da música. Eles eram os nomes conhecidos, os responsáveis pelas músicas que o público queria ouvir. Os grandes formadores de opinião. Muitas vezes o nome do artista nem era conhecido dentro das rádios, mas as músicas eram executadas por estarem nas mãos de algum famoso e respeitado divulgador.

Um dos principais nomes do mercado, Genival Melo, chefe do departamento de divulgação da Copacabana, gostou muito do jeito de Edy Silva e a convidou para trabalhar na gravadora. Edy não pensou duas vezes, pediu demissão da rádio e, em agosto de 1960, começou como divulgadora de discos da Copacabana. Ela foi a primeira mulher a trabalhar como divulgadora no país.

Na Copacabana trabalhou artistas como Agnaldo Rayol, Wanderley Cardoso, Nilton César, entre outros.

O trabalho não era fácil, ainda mais sendo a única mulher a disputar espaço com todos aqueles homens já consagrados na divulgação, mas Edy estava entusiasmada e começava sua rotina diária bem cedo. Passava por volta das 6 horas da manhã na gravadora para buscar os discos e partia para sua visita as rádios, lojas de discos, circos e parques de diversão.

Com ajuda do chefe de divulgação, elaborava um roteiro e visitava esses lugares com seus discos debaixo no braço para tentar tocá-los. Só quando a música era

² Depoimento prestado a autora em 18 de março de 2008 pelo divulgador Moacir Matias, que trabalha há 50 anos no mercado da música.

executada partia para o próximo programa, emissora ou ia convencer algum produtor para agendar a ida de algum artista a rádio, circo ou ao parque de diversões. Muitas rádios ficavam no mesmo prédio ou próximas, mas mesmo assim, muitas vezes não conseguia visitar todo o seu roteiro e deixava para o dia seguinte. Principalmente quando levava algum artista para entrevista. Nesses dias, normalmente, ficava o programa inteiro para o artista conseguir falar no ar e às vezes ia embora sem a entrevista acontecer. Até o artista se tornar interessante para esses profissionais da rádio, não eram tratados com muita importância. Era comum mandar voltar no dia seguinte.

No final de 1961, recebeu um convite da gravadora RGE e como a proposta de trabalho era melhor, não teve dúvidas e foi para lá. Estava animada, pois isso representava que seu nome já se tornara conhecido dentro do mercado da música.

O trabalho de Edy vinha se destacando cada vez mais e em 1963 a gravadora CBS chamou Edy para uma reunião. O gerente geral da gravadora, Evandro Ribeiro, confessou que vinha ouvindo falar muito bem dela em São Paulo e gostaria que ela trabalhasse para a companhia. Edy aceitou o convite e acreditava que novamente seria divulgadora de discos, mas ouviu do próprio Evandro quando assumiu em novembro de 1963 que estava sendo contratada para ser a diretora de relações públicas da CBS para a região Sul do país.

A gravadora dividiu o país em dois pólos de atuação, a chamada “região Sul” na verdade compreendia os estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e seria comandada por Edy direto de São Paulo. A “região Norte” compreendia os demais estados e seria comandado a partir da sede da gravadora no Rio de Janeiro por Othon Russo, um conhecido divulgador de discos carioca.

Como expliquei no início do texto, muitas vezes na indústria da música, os profissionais não passavam por algum tipo de qualificação ou eram pessoas preparadas para as funções que assumiam. Criavam e aprendiam na prática o que significava aqueles cargos que estavam assumindo.

Edy tinha trabalhado até então como divulgadora e se reportava a um chefe de divulgação que era a pessoa que passava os roteiros e supervisionava suas visitas as rádios, televisão, lojas e circos e cobrava os resultados, que era a música bem executada

em toda a parte. Agora assumia um departamento no qual teria que administrar e comandar um chefe de divulgação, três divulgadores de rádio, um de televisão, um para as lojas e outro para divulgar os discos nas casas noturnas, circos e parques de diversão. Até então todas essas funções eram feitas pelas mesmas pessoas.

Naquele momento com a divisão das tarefas, alguém precisava centralizar as informações e divulgá-las dentro da companhia. Precisava fazer relatórios para a diretoria dos produtos da empresa e como estavam os resultados de execução nas rádios e televisão, que passa a ter mais importância e destaque dentro das gravadoras para divulgar as músicas. Os artistas passam a ter uma imagem que precisa ser cuidada e pensada para agradar um público cada vez maior. Nasce assim a profissão de relações públicas da música no país.

A Primeira Relações Públicas da Música no Brasil

Edy recebeu em suas mãos as carreiras de Wanderléa, Renato & Seus Blue Caps, Carlos Alberto, Silvio Caldas, Emilinha Borba, Carlos José e de um nome recém contratado pela companhia, o cantor Roberto Carlos.

O trabalho consistia em pensar as ações de divulgação e preparar sua equipe para ir para a rua atrás dos resultados esperados pela gravadora. Ela tinha que organizar as visitas dos artistas às lojas de discos, e com o crescimento da televisão, precisava se preocupar com a imagem de seus artistas no vídeo.

O rádio passava também por grande transformação, buscava uma linguagem nova e mais econômica, os programas de auditório eram aos poucos substituídos pelos feitos nos estúdios e as apresentações ao vivo eram cada vez menores. O disco era mais executado no ar. Essa foi, segundo Edy, a maior transformação que notou ao assumir o departamento. Como ela vinha dessa escola do rádio, tudo naquele momento parecia muito difícil, os grandes astros e orquestras ao vivo estavam dando lugar às gravações e a notícia. Era um excelente momento para as gravadoras, mas os funcionários envolvidos tinham uma sensação nostálgica de que não estavam fazendo a coisa certa,

que era preciso resgatar o passado e motivá-los, naquele momento, era sua tarefa principal. Eles precisavam entender e partir para essa disputa cada vez maior por cada espaço dentro das rádios.

Ela precisava informar aos funcionários da gravadora dos resultados obtidos por seus divulgadores e num primeiro momento, valeu-se de seu jeito comunicativo e aproximava-se dos funcionários e conversava sobre lançamentos, execução nas rádios, eventos. Os informativos eram boca a boca e Edy precisava estar atenta ao que era dito dentro da CBS.

Aquele era também o momento para lançar um novo cantor de rock. Celly Campello tinha parado de cantar porque com o casamento havia resolvido se dedicar ao marido e a nova família. Sergio Murilo que era o artista principal de rock da CBS resolveu questionar judicialmente os direitos de venda dos seus discos. Isso irritou profundamente Evandro Ribeiro, o todo poderoso da CBS determinou “geladeira” ao artista. Após essa difícil batalha judicial entre Murilo e a gravadora, estavam fora do mercado ao mesmo tempo o rei e a rainha do rock brasileiro.

Edy viu surgir a oportunidade de lançar em São Paulo o cantor Roberto Carlos. Como a política da gravadora era evitar concorrência direta dentro do seu *cast*, com artistas do mesmo gênero, e Sergio Murilo estava definitivamente fora da CBS, era o momento ideal para iniciar o trabalho de divulgação do cantor.

Ela pediu para Evandro Ribeiro uma nova música de Roberto Carlos, mas ele foi contra dizendo que não era momento para lançar um novo trabalho de Roberto no mercado. Edy insistiu e convenceu Ribeiro de que com um novo produto na mão poderia iniciar o trabalho de forma mais agressiva e lhe garantiu o sucesso. Evandro Ribeiro não era de mudar de idéia, mas Edy com seus argumentos conseguiu um novo 78rpm com a música “Parei na contramão”. Convencer Ribeiro e conseguir uma nova música foi uma grande vitória para Edy, a partir daí surgiu seu maior desafio, fazer do cantor um grande sucesso em São Paulo.

Com o *single* na mão, Edy achou que era importante a presença de Roberto Carlos em São Paulo. Como o cantor trabalhava no Rio de Janeiro, mais uma vez ela precisou convencer a gravadora a trazê-lo para São Paulo e Roberto a pedir licença em

seu emprego. Com tudo resolvido, Roberto desembarcou no aeroporto de Congonhas e viu Edy Silva pela primeira vez.

A própria Edy resolveu pegar os discos e ir às rádios. Poderia ter mandado um de seus divulgadores, mas ela tinha que provar que estava certa e que faria do cantor um grande sucesso em São Paulo. Voltou a visitar as rádios e tentar convencer os *disc jockeys* a ouvir a nova música de Roberto Carlos. Com sua determinação foi conseguindo colocar a música para tocar e Roberto para dar entrevista em alguns programas de rádio e televisão. “Às vezes ficávamos o programa inteiro e nada, precisávamos voltar no dia seguinte, no outro dia, mas um dia acontecia e o resultado era sempre muito bom.”³

O resultado de todo esse empenho foi que em poucos dias a música “Parei na contramão” tornou-se o primeiro grande sucesso de Roberto Carlos em São Paulo.

Com o sucesso em São Paulo a gravadora começou a trabalhar a música em todo o país e ela foi o também o primeiro sucesso do cantor em todo o Brasil.

O crescente sucesso de Roberto Carlos motivava Edy cada vez mais a pensar em maneiras de chamar atenção dos profissionais do mercado para o cantor, ela acreditava que estava fazendo um ótimo trabalho, afinal uma de suas tarefas era lançar o novo artista da CBS e os resultados eram os melhores possíveis, mas começou a ter graves problemas dentro da gravadora.

Evandro Ribeiro convocou uma reunião e intimou Edy Silva: ou ela se dedicava da mesma forma aos outros artistas da companhia, que estavam diariamente se queixando com ele, ou teria que mandá-la embora da CBS.

Foi um golpe muito grande, pois ela acreditava estar vivendo seu melhor momento e não esperava o descontentamento de Ribeiro com seu desempenho. Estava trabalhando na gravadora há somente sete meses e imaginava que ficaria na CBS por muitos anos.

³ Depoimento de Edy Silva concedido a autora, op. cit.

No meio da reunião pediu para sair um instante e ligou para o Roberto e contou o que estava acontecendo. Roberto fez então uma proposta para ela: “Se você tiver coragem larga tudo e vamos trabalhar juntos”⁴.

Com toda a experiência acumulada Edy achou mesmo que era hora de sair da gravadora e não trabalhar para mais nenhuma. Montar um trabalho independente e dirigir a carreira de Roberto Carlos, em que ela tanto acreditava, parecia mesmo a melhor solução naquele momento.

Voltou para a sala, pediu demissão e passou a ser a relações públicas do cantor.

Relações Públicas do Roberto Carlos

Edy Silva lembra que desde a primeira vez que viu uma foto do cantor Roberto Carlos sentiu que poderia transformá-lo num grande sucesso. No dia que foi contratada pela CBS e entrou na sua sala, viu uma foto de divulgação e perguntou: “Quem é este garoto?” e ouviu de Evandro Ribeiro: “É um novo lançamento da companhia. A senhora estará recebendo ele para um trabalho em São Paulo daqui a alguns dias” e Edy respondeu jogando um beijo para a foto: “Chegou a sua vez, garoto!”⁵ (ARAÚJO, 2006, p. 106), falou em tom de brincadeira.

O início do trabalho exclusivo com Roberto Carlos não foi fácil. Deixou um bom salário fixo na gravadora para viver com os pequenos cachês pagos pelos programas de televisão em que o cantor começava a se apresentar e do que ele recebia para fazer suas primeiras apresentações em São Paulo.

Eles achavam que poderiam sair de São Paulo e trabalhar também o interior do Estado, foi então que Edy teve uma idéia, entrar em contato com o vendedor de shows Geraldo Alves e oferecer uma porcentagem dos shows que ele fechasse para Roberto.

⁴ A afirmação de Roberto Carlos foi dita a autora por Edy Silva no depoimento citado.

⁵ Depoimento de Edy Silva a Paulo Cesar Araújo publicado no livro *Roberto Carlos em Detalhes*.

Geraldo não conhecia Roberto, mas já tinha ouvido a música “Parei na Contramão” no rádio e achou que seria interessante incluí-lo nos seus roteiros de circos, cinemas e clubes do interior de São Paulo.

Com o sucesso dos shows pelo interior, Edy e Roberto decidiram convidar Geraldo Alves para ser empresário e responsável pela venda de shows. E a carreira de Roberto Carlos passou a ser comandada pelos dois, Geraldo Alves na venda de shows e Edy Silva na divulgação e imagem do artista.

Jovem Guarda

Edy ia toda semana à TV Record tentar marcar algum programa da emissora para Roberto se apresentar. O mais disputado naquele momento era o “Astros do Disco” apresentado por Randal Juliano aos sábados à noite. Não era tarefa fácil, pois os programas não tinham interesse pelos artistas do rock. Mas de tanto insistir ela conseguia marcar alguns programas.

Um dia quando estava no programa “Astros do Disco”, Marcos Lázaro que era empresário de vários artistas, contou para Edy que a Record estava criando um programa jovem para as tardes de domingo para entrar no lugar do futebol que estava com sua transmissão proibida e que um dos nomes citados para apresentar foi o de Roberto Carlos. Ele sugeriu que Edy procurasse Paulinho Machado de Carvalho para uma conversa.

Edy foi até a sala de Paulinho Machado de Carvalho e conversaram sobre a idéia do programa. A princípio Paulinho queria Celly Campello para apresentar o programa junto com Roberto Carlos ou Sergio Murilo, o nome mais forte naquele momento. Mas como Celly não queria voltar para a televisão e deixar de cuidar exclusivamente de seus dois filhos pequenos e Sergio Murilo despertava dúvidas da direção da Record, o nome de Roberto aparecia cada vez mais forte.

Depois de muita negociação foram definidos o elenco, o formato e o nome do programa, com uma estratégia ainda nova no mercado, envolvendo pesquisas de opinião. Foi feito um trabalho através da agência de publicidade Magaldi, Maia & Prospero, que não encontrando uma empresa patrocinadora, o que era comum na televisão, bancou ela mesma o programa e lançou-o no mercado com a marca Calhambeque⁶. Estreava assim, no dia 22 de agosto de 1965, a Jovem Guarda.

Edy continuava ao lado de Roberto cuidando principalmente da imagem, sugerindo e mandando fazer camisas, botas e acessórios para usar no programa e nos shows. Cuidava também das solicitações de entrevista e de toda a agenda de divulgação do cantor sugerida pela gravadora.

*O dia mais importante da minha vida foi 22 de agosto de 1965. A hora que o programa Jovem Guarda estreou tive certeza que tudo tinha valido a pena. Acreditei muito no Roberto desde o primeiro momento e nunca tive dúvidas da sua capacidade, nem ele chegaria ali e onde está até hoje. Tenho certeza que ele sabe o quanto fui fundamental na vida artística dele. Eu sou uma pessoa muito realizada por ver todo esse sucesso e saber que ali teve um dedo meu, que fui eu quem começou com tudo isso!*⁷

O trabalho durante a Jovem Guarda continuou muito bem. Mas quando Roberto resolveu casar-se com Nice, uma mulher desquitada e num momento no qual nenhum artista corria o risco de anunciar seu casamento com medo de perder seus milhares de fãs, surgiram problemas já que a opinião geral, partilhada por Edy, era de que isso poderia criar problemas para a carreira do cantor. Roberto ficou contra todos e apareceu publicamente com Nice, anunciou seu casamento e comunicou que ia sair do programa Jovem Guarda.

*Eu não admitia, porque tinha certeza de que aquele casamento ia acabar com a carreira dele. Depois de ter lutado tanto, ter trabalhado tanto, jogar assim tudo para o alto por causa de uma mulher? Meu Deus do céu! Aquilo para mim era uma barbaridade. Mas não teve ninguém que o convencesse a mudar de idéia.*⁸ (ARAÚJO, 2006, p. 274)

⁶ Era através da marca Calhambeque que eram licenciados os produtos relacionados ao programa.

⁷ Depoimento de Edy Silva concedido a autora, op. cit.

⁸ Depoimento de Edy Silva a Paulo Cesar Araújo publicado no livro *Roberto Carlos em Detalhe*.

Por não concordar com o casamento e a saída do comando do programa Jovem Guarda, Edy parou o trabalho com Roberto e foi trabalhar com Erasmo Carlos. Voltou, após alguns meses, a trabalhar em alguns projetos a convite de Roberto Carlos.

Edy Silva voltou em 1988 para Santa Catarina e recebe até hoje como funcionária do cantor Roberto Carlos.

A assessoria de imprensa dos artistas

Ivone Kassú é natural de Itú, Estado de São Paulo, e não confessa para ninguém o ano que nasceu. Fez secretariado e desde muito cedo sempre quis ser jornalista. Em 1968 foi morar em São Paulo para tentar trabalhar e realizar seus objetivos profissionais.

Conheceu neste mesmo ano o empresário Roberto Colossi que tinha um importante escritório artístico no qual era empresário de nomes como Chico Buarque, Wilson Simonal, Paulinho da Viola, Baden Powell, Marcos Valle, MPB4, entre outros. Foi para o escritório trabalhar como secretária, mas logo que chegou já começou a tentar entender o funcionamento da divulgação, os shows, cachês, agendas e começou a dar sua opinião no funcionamento de algumas tarefas.

Colossi achou que ela tinha talento e a deixou trabalhar na divulgação. Ia para estúdio aprender e acompanhar as produções dos artistas. Depois acompanhada dos divulgadores mais experientes ia aos programas de rádio e televisão tentar tocar os discos e marcar entrevistas para os artistas.

Aos poucos foi ganhando confiança do pessoal do escritório e dos artistas e assumiu o departamento de relações públicas, que tinha como principal objetivo cuidar dos lançamentos dos artistas nas lojas de discos.

Precisava visitar as lojas, convencer da importância de levar os artistas até lá e promover este encontro entre cantores e seu público com o objetivo de vender os discos. Nenhum espaço na loja era comercializado, toda foto, disco colocado, eram locais

disputados por todos os divulgadores independentes e as principais gravadoras. E Kassu se especializou na realização desses eventos.

Como tinha que procurar as lojas, negociar e organizar todo o evento começou a pensar porque com a imprensa também não poderia ser assim. Até aquele momento os escritórios e gravadoras estavam muito preocupados em colocar seus artistas para tocar no rádio e aparecer nos programas de televisão, a imprensa acompanhava e dava as notícias. Quando o jornalista precisava, ia atrás do artista e o escritório ou a gravadora agendavam a entrevista. Mas não havia até então nenhuma pessoa que trabalhasse para os artistas que sugerisse essas pautas.

Kassu começou a anotar os fatos que aconteciam dentro dos estúdios e poderiam virar notícias. Nos eventos que organizava nas lojas de discos e nos shows em teatros não só convidava a imprensa para comparecer, como passava as informações depois que aconteciam.

Esses profissionais dos jornais e revistas a que ela freqüentemente enviava as informações começaram a chamá-la também de jornalista e muitas vezes de porta voz dos artistas. Um dia, uma pessoa perguntou qual era sua profissão e ela afirmou que era jornalista e assessora de imprensa dos artistas. E até hoje é assim que é citada e dirige seu escritório de comunicação, a Kassu Produções & Promoções Artísticas.

Importante assinalar este momento da trajetória de Ivone Kassu. Muitos profissionais dentro da indústria da música a consideram a precursora deste modelo de atuação ainda tão presente nos dias atuais.

Eu que comecei a me auto intitular assessora de imprensa e ninguém nunca tinha ouvido isso antes dentro da música, o mais próximo que nos chamavam era porta voz, mas eu não era só a que levava a voz, a palavra dos artistas, eu brigava para conseguir os espaços nas revistas e nos jornais. Eu era a pessoa de imprensa, a assessora de imprensa desses artistas.⁹

Em 1971, a cantora Maria Bethania e o humorista Chico Anysio decidem mudar-se para o Rio de Janeiro e convidam Kassu para ir junto com eles e cuidar da carreira de cada um. Ela aceita o desafio e começa a divulgar os dois na imprensa carioca.

⁹ Depoimento de Ivone Kassu concedido a autora, op. cit.

No início do ano de 1975 é convidada pela gravadora Odeon para montar seu primeiro departamento de imprensa. Eles percebem a importância de ter um departamento exclusivo para atender aos jornais e revistas, retirando essa atividade dos departamentos de rádio e de televisão. Kassu começa a selecionar e preparar os profissionais que iriam atender aos jornalistas e vender sugestões de pautas dos artistas do *cast* da gravadora.

Conheço Ivone Kassu desde 1975, quando, engatinhando no jornalismo, tocando com o saudoso Júlio Barroso a revista alternativa Música do Planeta Terra, fui recebido por ela no escritório da antiga Odeon, na época instalado no Edifício São Borja, na Avenida Rio Branco. Desde então, Ivone tem tido um papel fundamental ao intermediar o contato com diversos artistas e empresas. Também tenho podido desfrutar de sua amizade sem que uma coisa interfira na outra – ela sempre soube separar os dois departamentos e tratar com isenção interesses pessoais e profissionais.¹⁰

Já no final do ano de 1978, Kassu é convidada pela CBS para comandar o lançamento anual do disco do cantor Roberto Carlos. Os dois se dão tão bem durante todo o trabalho de imprensa, que Roberto sugere a gravadora que ela passe a responder por todas as solicitações da imprensa. Em 1980, essa vontade se realiza e Ivone Kassu assume a assessoria do cantor Roberto Carlos, com o qual trabalha diretamente até os dias atuais.

São vinte e oito anos cuidando da assessoria de imprensa de Roberto Carlos e também de diversos outros artistas, produções de teatro, shows internacionais e lista de convidados VIPS para eventos de grandes empresas como Ambev, GM e Coca Cola.

Conclusão

Mais do que contar a história de vida dessas duas profissionais dentro do mercado da música brasileira, o objetivo deste texto foi mostrar o início do trabalho de relações públicas e assessoria de imprensa dos cantores brasileiros. Principalmente a

¹⁰ Declaração do jornalista Antonio Carlos Miguel do jornal O Globo para o site Observatório da Imprensa em 11 de fevereiro de 2000.

importância de cada uma delas na construção da imagem de artistas que estão atuantes na música até hoje.

O que seria de Roberto Carlos sem a ousadia e coragem de Edy Silva? E a imagem do cantor estaria tão preservada ao longo desses quase trinta anos se não fosse o pulso forte de Ivone Kassu? Todos os profissionais envolvidos têm papel fundamental junto com o artista para a consolidação de uma verdadeira trajetória profissional bem sucedida dentro da música.

A história muitas vezes nos é contada apenas através desse olhar do artista, faltam estudos e depoimentos dos profissionais que estão nos estúdios, nas gravadoras, nos escritórios, para esclarecer e melhor entender todo esse processo artístico, de produção, divulgação e demais etapas que ficam escondidas frente ao brilho das grandes estrelas.

Referências Bibliográficas

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que rádio não contou**. São Paulo, Harbra, 2ª edição, 1999.

ARAÚJO, Paulo Cesar. **Roberto Carlos em Detalhes**. São Paulo, Editora Planeta, 2006.